

REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE MENORES DE RUA

Maria Stela Santos Graciani

- . Professora da PUC-SP
- . Educadora Popular

NOV/84

A proposta pedagógica desencadeada junto com os menores de rua da cidade de São Paulo, postula e assume uma visão crítica diante da realidade de milhares de crianças excluídas do progresso social, frutos de uma sociedade injusta e exploradora. Pedagogia comprometida com as camadas populares, busca superar os aspectos repressivos, violentos e assistencialistas incrustados em sua ação de séculos, assumindo uma dimensão educativa organizada, comunitária e participativa, que envolva o menor como agente transformador de sua própria história.

Mais do que isto, esta ação educativa busca exprimir o esforço do educadores comprometidos com a mudança das estruturas de dominação impostas, contribuir para a efetivação de um caminho novo e alternativo da educação e, principalmente, descobrir as pistas concretas de emancipação econômica, social, política e cultural das camadas historicamente mais oprimidas de nossa sociedade.

Menores de rua: condições de vida e de trabalho - Pistas para uma educação transformadora

Presentes nas ruas e praças da cidade são meninos ou meninas, pequenos ou adolescentes, que fazem destes locais seu espaço de viver, de existir. São filhos de desempregados, migrantes, moradores das favelas e cortiços da cidade, que desafiam a todo instante a nossa competência profissional levando-nos a assumir um compromisso político diante da crueza indiferente das autoridades e da própria estrutura da sociedade que os gerou, em consequên-cia da má distribuição de renda, da falta de investimentos dignos na área de educação, saúde e lazer e, principalmente, da inadequação pedagógica das instituições totais, dentre outras causas.

O espaço da rua é arduamente disputado com outros menores, com a polícia, com os exploradores e até com agentes de ações criminosas, que sempre estão dispostos a massacrá-los e violentá-los sem sequer compreender sua ação na rua e as causas que os levaram ai a permanecer.

Encontram-se, às vezes, sozinhos ou em grupos, ora nos faróis limpando parabrisa, ora disputando o freguês nas feiras e supermercados para carregarem os pacotes, ora se dispondo a tomar conta de nossos carros, ou vendendo doce nos cruzamentos das ruas e avenidas, amendoim nas estações de trem, santinho na porta da igreja, ou engraxando sapato nas principais praças da cidade. Estão

normalmente buscando a chance de um trabalho relacionado ao mercado informal ou oferecendo serviço para gerar renda para levar aos seus familiares, contribuindo assim para a sua subsistência.

Muitas vezes, embora tenham se esforçado, não conseguem nenhum espaço para vender, para engraxar ou para oferecer seus serviços; nestes casos perambulam pelas ruas mendigando, cantando papel ou "às vezes até assaltando quem passa, tentando dizer - do seu jeito infeliz - que o país os deixou na desgraça".

Caracterizam-se, pois, como um grupo de resistência, na medida em que para sobreviver criam relações complexas e profundas de solidariedade, de partilha e de conflito, que no bojo de existir um espaço aberto, montam e inventam relações articuladas que os tornam uma força viva, presente e, conseqüentemente, exposta às mais diferentes dificuldades na rua.

O retrato, ainda não muito nítido, do convívio social das crianças que vivem na rua, nos mostrou que a busca da afeição perdida numa realidade em que a desagregação familiar ou a sua ausência é comum, agrupa as crianças não só para sobreviverem como para suprirem as necessidades que o relacionamento humano impõe, para trocar experiências e conhecimentos, mas, principalmente para criar laços profundos de amizade.

A dinâmica do processo de viver na rua, segue inclusive os parâmetros da sociedade capitalista; altamente competitiva, a posse da rua inclui as dimensões da propriedade privada, inclusive é comercializável a partir da idéia de lucro, disputada a partir da concorrência e do mercado; existe a figura do opressor e do oprimido, do explorador e do explorado; a cidade, neste sentido está totalmente mapeada e retalhada a partir de uma linha imaginária, que só consegue ser percebida a partir da convivência com o povo que existe nas ruas e embaixo das pontes.

A partir de uma presença assídua e comprometida com a realidade dos menores de rua, temos ousado levantar algumas pistas da educação alternativa que ocorre na rua, sem nenhuma pretensão de esgotá-las, mas apenas visando elencar alguns pontos básicos sobre a prática educativa, para aprofundar o debate:

- . o menor coercitivamente tratado não expõe suas idéias, não participa, não gosta de falar o que sente, pensa; uma educação que pretende ser libertadora cria condições para que estas coisas não aconteçam no ato de educar;
- . o poder autoritário de todo ato educativo emanado das relações dos educadores e enfim, de todos os membros da comunidade, atinge todos os níveis da convivência e condiciona o próprio processo pedagógico; na educação alternativa há uma permanente busca de novas formas de relações de poder;
- . nas propostas alternativas cujo poder é partilhado, co-responsabilizado e, principalmente, participado a

nível das decisões sobre a prática educativa, presume-se que sejam acompanhadas de uma análise crítica abrangente e profunda a fim de que não caiam em propósitos indefinidos e vazios;

- . a discussão das relações de poder na escola, na rua, começa quando uma minuciosa revisão das práticas educativas se faz buscando envolver todos os participantes do processo, com vistas a novas práticas e ações que superem as formas de dominação intra e extra escola (envolvendo uma análise da sociedade como um todo);
- . o poder do educador também pode ser exercido através do seu "saber"; para minimizar, seria importante abrir espaço para todas as informações disponíveis, de tal maneira que os educandos participando através do seu saber, possam usufruir e posicionarem-se diante do poder aí implicado;
- . a relação afetiva desencadeada entre educador/educando é a base do relacionamento positivo para uma ação educativa conseqüente e crítica, que envolve apreender o mundo através do aprender a ler, escrever e contar, possibilitando com eficácia o acesso ao conhecimento e à sua plena participação na sociedade;
- . as crianças que frequentam processos alternativos de educação têm oportunidade de discutir e refletir sobre o que gostam (recreio, professor, brincar, etc...) e sobre o que não gostam (bagunça, brigas, diretora, etc...) na sua escola;
- . as classes populares não precisam de educação compensatória; elas tem cultura e um saber próprio de seu local social e a educação hoje está presa a princípios e práticas próprias de outros segmentos de classe; por isso, não tem nenhum significado para elas, além de suas bases teóricas serem importadas e inoportunas, enquanto formação de agentes históricos;
- . educação alternativa postula efetivar o processo com o educando, partindo da busca conjunta do seu projeto de vida, de seus anseios e expectativas;
- . não se pretende uma escola alternativa paralela ao sistema escolar, mas uma educação alternativa capaz de transformar as práticas do processo educativo próprias da escola (métodos, materiais, relação de poder, etc..) e, conseqüentemente, a transformação mais ampla do sistema educacional, bem como, da sociedade, através de um envolvimento amplo e irrestrito do educando/educador;
- . a educação alternativa, quando inserida numa determinada escola ou experiência, deve envolver a comunidade, seus recursos, esforços e forças, num trabalho integra-

dor dos movimentos da sociedade civil (associações, movimentos populares, sindicatos, etc...) e órgãos estatais direta ou indiretamente ligados ao menor;

- . a educação alternativa pretende trabalhar no cerne do conflito e das contradições de classe, na medida em que discute as condições de vida e de trabalho dos contingentes mais empobrecidos da nossa população;
- . os materiais didáticos e pedagógicos da escola alternativa pressupõem ser construídos a partir das crianças que são consideradas os agentes transformadores da própria prática educativa;
- . resgatar a cultura popular, a cultura de origem, a cultura local, é objetivo primordial do educador participante da experiência educativa alternativa, através da afetividade, criatividade, participação e conscientização;
- . a discussão da escola, nos moldes alternativos deve passar por todo o sistema educacional de maneira coerente, mais concreta e mais objetiva, com o intuito de construir um projeto novo, altamente questionador, crítico e inquietante;
- . a prática alternativa pressupõe uma metodologia básica, a partir da fala das crianças, de suas expressões, de seu mundo, de seus simbolismos, de seus gestos concretos, do que dizem, do que pensam e como elas sentem o mundo, a realidade em sua volta, que constituem o seu saber;
- . a visão de escola baseada na imposição, no positivismo que se apoiava em referenciais importados, construídos por saber erudito, perde seu significado com a nova proposta que tenta construir uma caminhada a partir do conhecimento popular, comprometido historicamente com as classes menos favorecidas;
- . faz parte da linha e diretrizes da prática alternativa, a ação/reflexão/ação que pressupõe uma profunda análise da prática e da teoria (advinda da prática) que se complementam e redimensionam a ação;
- . o educador que se propõe a desencadear um projeto novo, nos moldes de educação alternativa, deve estar disposto a passar por modificações estruturais sérias e dramáticas, criando uma nova postura diante do ato de educar;
- . muitas vezes as crianças serão convidadas a discutirem; a moral disciplinada que elas mesmas enfatizam (castigo, bagunça, etc...); o ritualismo que a escola normalmente segue, na discriminação dos sexos, das idades, do papel do homem e da mulher; a normatização das atividades educativas ou mesmo da organização da escola, das

2. 1/2

suas relações de poder hierárquico, dos horários rígidos, calendários, etc...; fatores estes todos impregnados e válidos numa sociedade autoritária e discriminadora;

- o educador para desencadear o processo alternativo de trabalho precisa criar uma autonomia cultural, a partir de uma visão crítica e comprometida com a comunidade, discernindo a realidade social, política e econômica mais ampla, que influencia diretamente a sua ação educativa;
- o resgate da identidade da verdadeira escola, a escola que transforma, que gera perspectivas de participação na ação pedagógica e na ação política, que repensa o caminho a partir dos agentes do processo (educador/educando), que é uma educação popular, de base, que ouve as crianças, pensa com ela, constroi um caminho a partir do seu próprio movimento e do processo histórico, geraria não só a mudança organizacional da escola, como também, contribuiria para uma mudança estrutural mais ampla;
- as experiências alternativas específicas poderiam ser consideradas como efeitos demonstradores de como a mudança pode ocorrer numa prática educativa nova e transformadora junto às comunidades circunscritas a bairros, cidades e estados;
- a implementação do processo participativo se impõe como categoria básica na gestação do processo novo, envolvendo e engajando cada vez mais todos os membros da comunidade;
- a discussão dos princípios e pressupostos (idéias) geradores da educação alternativa - extraídos da prática de quem está fazendo - deveria perspassar toda a sociedade, desde a escola, associações, sindicatos, etc..., a fim de que fossem elencados, referendados e legitimados pelas comunidades representativas, delineando assim, uma política de ação, ampliando em círculos concêntricos para que o foro de debate seja cada vez mais amplo, nacional, participativo e popular;
- as idéias extraídas da prática do trabalho com meninos de rua, estão estimulando o surgimento desse debate sobre a escola especificamente e sobre a educação de maneira geral, trazendo muitas dúvidas e inquietações provocadoras de processos no sentido transformador, de pressão e de revezamento, que incita a criação de planejamento novo;
- o ponto chave da educação alternativa estaria relacionado às idéias que partem de uma ação, de realidades diferenciadas, com respostas diversificadas, com prováveis resultados diferentes, envolvendo um projeto, um trabalho, um serviço vinculado a uma realidade determinada historicamente situada.

- o projeto alternativo pode ou não estar ligado a órgãos públicos (municipais, estaduais ou federais) - para financiamentos, assessorias, etc... - ou a instituições particulares (Universidades, Igreja, Sindicatos, entidades sociais, etc...) dependendo do seu processo próprio de implantação, de sua política de ação, apoio e de seu grau de autonomia, mas todos estão intimamente ligados à comunidade;
- o processo educacional proposto de forma alternativa tenta descobrir junto com as crianças, mecanismos que fortaleçam sua luta pela sobrevivência, inclusive propondo a educação pelo trabalho, onde os educandos teriam chance de aprender fazendo e discutindo as reais condições de vida e de trabalho de sua classe social;
- para diminuir o efeito destrutivo de impor valores, o educador deveria conhecer melhor o grupo com o qual opera, ouvindo-o e observando-o, conhecendo sua linguagem e seus valores, enfim, identificando-se com seu mundo;
- para que essa prática educativa não seja uma prática anulante ou estrangulante das crianças, é muito importante que a estrutura de poder seja rompida, quebrada e as relações sejam outras entre educador/educando; este é o desafio pedagógico da educação alternativa;
- o processo de conhecimento mútuo entre os agentes da comunidade educativa passaria por um momento de socialização compartilhado, co-responsável e co-dividido através de um processo de convivência solidário e espontâneo;
- a co-gestão na experiência é fator importante para dar consistência às novas experiências a partir da determinação das normas do grupo, da escolha do universo de atividades, da definição da ocupação, enfim, das mudanças que devem ser definidas para o próprio grupo;
- não existe, portanto, escola alternativa; existem, sim, experiências alternativas em educação que devem passar a ser a essência pedagógica que permeia qualquer experiência que pretenda gerar a transformação pessoal (principalmente resgatando o papel profissional do educador), grupal e da sociedade onde se insere;
- trabalhar com a criança para que tenha: a real consciência da divisão do trabalho na sociedade, consciência crítica das condições do trabalho informal e das relações que implicam este trabalho; ter nítida consciência também, que a geração de renda não é um fim, mas apenas um meio no processo educacional;
- as experiências devem buscar sua legalização a fim de que as crianças possam ter o respaldo que a sociedade e



identificar

o grupo

real

7

xige, para a comprovação de sua escolaridade e profissionalização;

- o fato de apoiarmos os meninos que estão trabalhando, qualquer que seja a atividade dele na rua, não significa que nós estejamos aprovando as modalidades de trabalho e a situação especial dos meninos. Estamos querendo partir de um dado de fato: não somos nós que estamos criando as atividades na rua. São os meninos que criam o seu próprio espaço de sobrevivência, inventam as suas próprias atividades, com a perspectiva social, política e pedagógica, que deve ser estimulada a partir da criação de uma consciência crítica diante da situação;
- a prática alternativa não deve perder de vista a condição social dos grupos de resistência e de pressão na elaboração do processo novo da política educacional;
- a micro comunidade é o referencial básico da educação alternativa que deve estar ligada a todos os movimentos populares e às forças comunitárias;
- a prática educativa alternativa discute os problemas de interesse das classes oprimidas relacionados à sua vida, sua existência no aspecto de sobrevivência e subsistência no seu espaço social em relação à classe;
- desenvolver trabalhos com segmentos da classe oprimida, significa ter claro a serviço de que classe estamos; o tipo de reflexão que desencadeamos é condicionado pela questão de consciência de classe ou de ideologia; isto demanda um compromisso histórico profundo e consciente da realidade que atuamos;
- saber ouvir o menor é importante, porque a questão de consciência de classe e do trabalho do educador, a partir do meio em que ocorre o ato de educar não é só pensamento do educador ou do educando; é pensamento da classe a que eles pertencem. Ouvir, então, implica em ouvi-lo numa circunstância e numa reflexão, num processo dialético e histórico;
- o processo educativo depende da comunicação (linguagem, código, etc...) que é estabelecida, porque dela depende o grau de interação dos agentes. É importante que o educador conheça o universo vocabular, as expressões, os símbolos, gestos, enfim, o mundo do menor;
- os pontos fundamentais do novo, da novidade pedagógica, resumem-se na modificação das relações de poder, no modo de produzir o conhecimento e na postura de análise das próprias relações de produção na sociedade capitalista;
- impõe-se nesta prática educativa que se repense a escola e que se resgate nela os interesses reais das crianças a

fim de que o ato educativo seja significativo;

- as experiências, quando têm uma resposta educativa alternativa, estão sinalizando a necessidade de uma transformação da escola. A escola alternativa indica a necessidade de mudar a própria escola que estaria sendo pensada, a partir dos anseios, das aspirações da população das classes populares;

a educação alternativa além de levar em conta a realidade, deve resgatar o sonho, a fantasia e a magia que vive na criança. "É preciso sonhar, antes com o mundo que se quer viver e a escola deveria ser o lugar do sonho da criança."

Considerações finais

Estas perspectivas de trabalho educativo fazem parte de nosso projeto de rua; estes itens elencados acima, já se inscrevem em nossa prática e em nossa reflexão de educador e nos parâmetros que acreditamos para um projeto educacional mais amplo, libertador e transformador da realidade.

O semblante pedagógico aqui traçado representa a ligação estreita e comprometida de muitos educadores militantes e agentes com os menores de São Paulo, quer sejam engraxates, tomadores de conta de carro, doceiros ou vendedores de santinho, ou simplesmente menores dos faróis ou que perambulam pelo centro da cidade.